



SALAZAR, O TRAIADOR

quere festejar o duplo centenário da fundação e da independência de Portugal

O inimigo público n.º 1 de Portugal, acaba de fazer publicar nos jornais uma nota oficial, com um projecto de programa de festejos que quer fazer em 1940, para comemorar o 8.º centenário da fundação da monarquia leonesa, e o 3.º centenário da revolução de 1910.

A demagogia patriótica foi sempre uma característica dos traidores à Pátria mas, apesar disso, qual será a verdadeira essência do seu projecto?

Estará ele arrependido da política de traição que tem realizado, e, vendo o exemplo de Schuschnigg na Áustria, querera, como aquele, voltar atrás?

Há poucos dias, apareceu um livro à venda nas livrarias, que logo foi apreendido. Não se tratava de nenhum livro vermelho, como pode parecer à primeira vista, mas sim um livro nacionalista espanhol, cuja capa era o mapa da Península Ibérica, em que Portugal já não existia, tendo uma águia de asas abertas a encimá-lo. Serão todas estas provas do destino que ele nos preparou, que o terão assustado?

Querá provocar, com esses erros patrióticos, a irritação dos seus sócios espanhóis, para que eles façam a invasão de Portugal mais depressa?

Estas comemorações históricas convidam-nos sempre a folhear uma história. E, se folhearmos a História da Portugal de Oliveira Martins, encontramos lá os seguintes períodos: *Quã oem 1635 mandaram para Lisboa a Duquesa de Mantua, puseram-lhe ao lado como secretário, MIGUEL DE VASCONCELOS CHEIO DE ÓDIOS PESSOAIS CONTRA A PÁTRIA, VULGAR, TEMERÁRIO e bêbado.*

D. de logo começou a pôr-se em prática a política de pilhagem, lançando-se novos impostos, aumentando-se os anteriores; e as somas tiradas de Portugal iam perdendo no saredoiro de Madrid, sem utilidade para o reino; ficando ao abandono as colónias da Índia e da América, de que os holandeses e ingleses iam livremente tomando posse.

Se substituirmos uma ou outra palavra e trocarmos os termos holandeses e ingleses por alemães, temos aqui reflectido como num espelho, a nossa triste situação actual. Até nem nos falta o termo necessário com que ele começou a descrever os últimos discursos: *... não exerce o amor!*

A traição deste despota não precisa de demonstração, tão clara ela é. Mas não é só na ameaça da perda da nossa independência, não é só na entrega de territórios nacionais a nações estrangeiras que se manifesta a traição. Mussolini é um traidor à Pátria italiana, apesar de todas as conquistas territoriais. A traição manifesta-se nas perseguições e na miséria em que lança todo o povo. E essa é demonstrada pelos próprios documentos oficiais do fascismo italiano.

Num anuário de Estatística, publicado pelo Governo de Mussolini, encontramos que, enquanto o custo de vida aumenta sem cessar em Itália, os salários des-

cem assustadoramente. E é esse mesmo anuário que nos diz que na U.R.S.S. no mesmo espaço de tempo os salários têm aumentado.

Comparemo-los:

Na Itália	Na U.R.S.S.
1929. 100	100
1930. 96	107
1931. 84	125
1932. 77	150
1933. 75	164
1934. 73	191
1935. 73	240

Ora em Portugal, a situação é semelhante à italiana. O custo de vida e o desemprego aumentam constantemente, enquanto os salários descem. Esta é a primeira

ra fase da traição nacional. Por isso podemos afirmar que no Estado socialista se faz política de defesa nacional, de protecção ao povo, e nos estados fascistas uma política de traição.

A segunda fase da traição nacional é aquela em que Salazar entrou: entrega de territórios nacionais ao estrangeiro, que, no nosso caso, está duramente demonstrado com a entrega de Angola aos alemães.

A terceira fase é aquela em que vamos entrar: a perda pura e simples da independência nacional, o desaparecimento no mapa do mundo, duma nação que tem oito séculos de existência.

Mas o povo português não consentirá que se complete a obra do novo Miguel de Vasconcelos. O povo português saberá agir como agiu há três séculos.

E já que se trata de comemorações, de centenários, temos que lembrar aos traidores que antes de 1910 se passa outro centenário, e este, sim, o povo português pode festejá-lo no ano que corre de 1938.

É o terceiro centenário da revolução de Évora, conhecida na História pela «Revolução do Manuelino». Foi uma revolta popular que accendendo-se em Évora, correu todo o país, e que teve o seu fim no 1.º de Dezembro de 1610.

Em 1638 o povo português gritou ao Miguel de Vasconcelos: **Não podemos pagar mais impostos, não agüentamos a miséria em que vivemos, não consentimos que territórios portugueses passem para as mãos de estrangeiros!**

Estamos fartos de sermos roubados e torturados! Queremos pão, paz e liberdade!

E' preciso que o povo português em 1938 se una como se uniu em 1638 e expulse os vendilhões da pátria.

Nesse ano também, a aristocracia castelhana estava a braços com a revolta da heroica Catalunha, que lutava encarnadamente pela sua independência. Foi a revolução catalã que permitiu que há três séculos nos conquistássemos a nossa independência.

A semelhança das situações é flagrante.

Povo português: **Unamo-nos todos numa ampla Frente Popular para derrubarmos o fascismo!**

NO "INDEX"

Chegou-nos há dias às mãos a ordem de serviço datada de 21 do mês passado a qual, anulando as anteriores, foi enviada à polícia, aos correios, à alfândega, etc., com a relação dos livros, jornais e revistas cuja leitura é interdita em Portugal.

Na impossibilidade de a transcrevermos na íntegra, devido à sua enorme extensão, fizemos-lhe uma rápida análise para transmitir aos nossos leitores um resumo das afadigasas lucubrções literárias em que se consome a douda comissão de censura.

Verificamos que o amor, a eugenesia e a questão sexual contendem singularmente com a sensibilidade dos doutos censores.

Tudo o livro cujo título ostente as palavras amor, casamento, sexualismo e queijados, foram impiedosamente relegados para o *index*, desde as obras superficiais de Alfred Galis até aos profundos trabalhos de Hildegarth; desde os volumes educativos de Jaime Brazil, aos trabalhos científicos do Dr. Egas Moris.

A literatura soviética e a da Espanha republicana foram alvo de uma especial predilecção: Ostrovski, Ehrenbourg, Iline, Kolontai, Ramon Sender, Gimenez Assua e tantos outros, têm o seu nome glorioso inscrito no *index* salazarista.

Quasi desnecessário será dizer que a moderna geração literária francesa e doutros países, gosa de idêntica excomunhão: eis alguns nomes que figuram no inominoso documento: Barbusse, Malraux, Jean Richard Bloch, Victor Marguerite, Guido de Verona, etc.

Detenhamo-nos, porém, na apreciação dos livros portugueses excomulgados por facciosismo político. Algumas amostras: *Maria Adelaide*, de Teixeira Gomes; *O Dileito da Violência*, de Carvalho Duarte; *Clara Vermelho*, de Rodrigues dos Santos; *Justiça*, do Chefe dos Nacionalistas Sindicalistas, Rolão Preto; etc.. A maior parte destes livros ou filmes censurados apenas os conhecem de lombada, porque só na lombada (no título) eles podem ser subversivos.

A maior parte não se compreende por que foram relegados, tal é o caso dos livros: *O Jogo da Cobra Cega*, de José Régio; *Regresso*, de José de Freitas; *O Carnaval da Morte*, de Alberto Negro; *Trepas*, de Martinhal da Silveira; etc., etc., assim como a obra do grande intelectual fascista Alfredo Pimenta, *Vimaranis Monumenta*, etc., etc. Inexplicável, porém, é a interdição do livro *O Horário de Trabalho nos Estabelecimentos Comerciais e Industriais*, de João Paulo Freire.

Aos jornais portugueses publicados do estrangeiro também não é permitida a entrada em Portugal, tal é o receio que Salazar tem que o povo português saiba por intermédio deles, as verdades que a ditadura oculta.

Para terminar, citaremos, ainda, a proibição do *Almanaque Hachette 1938*, as revistas *Boxeo*, *Paris Magazine*, *Detective*, etc. e toda a literatura esperantista.

Onde chega o amor do fascismo pela cultura!

Legionários Portugueses...

Os empregados do «diário da Manhã» resolveram reunir-se num almoço de confraternização, para solenizarem a fundação de 150 avoalores *Manhã*. Procuram, para tal, uma sala onde possa realizar-se tal comemoração. Dirigiram-se à «Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho», com sede em Lisboa, rua Victor Gordon, 1, 1.º, mas esta agremiação recusou terminantemente a utilização das suas salas e explicou a razão:

Ha tempo ceden a sua instalação para um almoço de Legionários que ali se reuniram em acto grande. Porém, rombaram gerios, colheres, e outros objectos e estragaram a mobília.

Após estes actos de civismo e honestidade, praticados pelos agnatos da sordida contra a *desordem* a F.N.A.T. resolveu não ceder a mais ninguém a sua sede.

O Ditador da Câmara Municipal

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, o engenheiro Duarte Pacheco, é o senhor omnipotente, fazendo tudo, o que lhe apetece. Ninguém lhe vai à mão. Os seus caprichos são ordens, a que se tem de obedecer cegamente.

Aspirando à imortalidade com estatua equitativa, quer deixar obra que se veja. Para isso não olha a interesses, a não ser os da sua vaidade.

Pensou que a maior obra que poderia realizar seria a da arborização da Serra de Monsanto. E como tem pressa — ele lá calcula a vida que terá o fascismo em Portugal — começou no principio da primavera a mandar abrir covas para árvores que serão plantadas no fim do Outono!

Os operários empregados nesse trabalho ganham de empreitada, que foi a melhor maneira que esse explorador se deu de os roubar, não chegando muitos deles a fazer mais de 500 por dia.

Mas o seu despotismo não para aí. A serra estava lavrada e semeada, mas Duarte Pacheco não se importou com isso. Entrou com as suas brigadas por ali dentro, estragou as cebras, para realizar um trabalho que podia muito bem ser feito depois das ceifas.

E enquanto o Ministério da Agricultura informa que este ano a produção de trigo, não chega para abastecer mais de dois terços do País, o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa destrói cebras, apenas para fazer demagogia!

Cerejeiros da serra de Monsanto: exigi que a Câmara vos indenizasse das perdas que sofrestes!

A Tuna é igual ao Orleão

Esteve um ano sem corpos gentes a União Nacional. Ninguém sabe ao certo porque. Mas é verdade, porque foi Salazar que o disse... Parece que a harmonia não é muito firme naquele singular organismo, porque doutra maneira não se compreendia tão demorada crise.

Afinal os novos corpos gentes são compostos de um novo gerente: o Carneiro, o Nobre, o

Ajudem os nossos presos! Desmascaremos o Fascismo! Salvemos Pavell!

Dentro em pouco, se a censura postal de Angra e do Terrafal deixar, receberemos a notícia de mais um falecimento, de mais um punhado de portugueses atirados para aqueles degradados salazristas.

A tuberculose lava e cede em Angra, a tuberculose e o pulidismo apoderam-se dos três martires do Terrafal. Nem uns, nem outros têm assistência médica. Aqui não há um unico comprimido de quinina para os heróicos degredados, e todos estão atacados de febre. Os tuberculosos e os sífilis, todos, enfim, não são tratados e não os dispensam de trabalhos violentíssimos.

Na Bastilha da Ilha Terceira, não há medicamentos úteis para os degradados. Os outros são fornecidos em mau estado e, por vezes, chega a não haver garrafas para eles. Os medicamentos diários são dados aos doentes de 3 em 8 dias. Demoram, quasi sempre, um mês depois de serem recetados.

Os médicos de Angra e do Terrafal aparecem raramente a consultar os degradados. O primeiro, diz aos tuberculosos que nada tem ou que se abatem. O segundo, olhou para os heróicos forçados, disse que eram fortes e não voltou. O malogrado moço operário do Arsenal, Rui Ricardo da Silva, foi tratado, em Angra, de albumina, mas morreu de tuberculose e com uma doença de coração. O enfermeiro de Angra é um soldado natural do Barreiro; a sua aprendizagem resume-se a um estágio de 5 dias num hospital, depois do que, foi nomeado.

A pesar de tudo isto, os carcereiros agravam continuamente a horrivel tragedia dos degradados, provocando-lhes novas baixas.

Na caserna 2, estão 45 homens, onde mal cabem 30, que há muitos meses não saem da caserna. Esta é varrida com eles dentro e, desde então, nunca mais foi levada. Muitas destas vítimas têm doenças contagiosas. Nesta caserna, as camas estão quasi unidas, impedindo passagem aos seus habitantes.

Se a maldade dos carcereiros atirou para uma antostera de 45 homens, também isolou em calabouços, que são conhecidos pelo nome de *buracos*, outros prisioneiros, em condições insuportáveis.

Aos primeiros, erranja-lhes e tuberculosos. Aos segundos, prepara a loucura.

Estão nos «buracos» de Angra, João Alexandre, António Cruz Cristino, José Jacinto, Helder do Meneses, Seabra, António Samudio, António Rita, Joaquim Pires Jorge, o tipógrafo, do Porto, Francisco Soares, e outros.

O sargento reformado da Armada, Artur Alfredo Dias, vive num *buraco* há um ano, sofrendo toda uma série de insultos e ameaças, sobretudo da parte do fuzil Alvez. Já esteve privado de papel, inclusivamente papel higiénico, de tinta, de penas, de lápis, etc.. Durante um período grande não lhe davam a meia hora de passeio.

Os espancamentos não cessaram. São cada vez mais frequentes. O jovem José Maria da Silva, foi espancado e encarcerado, depois, no *Calafio* de Angra.

A fome é uma das maiores torturas dos degradados. Impossível alimentarem-se com o rancho invariável, escasso e porco. No Terrafal, fornecem-lhes bocalhão com pão, dando um decilitro de azeite para 40 homens.

E' para este ambiente de terror, de fome, de doenças e privações, onde a morte é já uma certeza, que se está preparando uma nova leva de degradados sem «condemnações».

Podemos e devemos ajudar os portugueses dos degradados fascistas, angariando-lhes medicamentos indispensáveis, recorrendo à solidariedade popular para lhes obter dinheiro, roupas e alimentos.

Podemos e devemos defender aqueles heróis, divulgando por toda a parte os seus sofrimentos. Contai estes nos vossos amigos e aos portugueses do estrangeiro e das colónias.

Devemos, por todos os meios ao nosso alcance, obstar a novas deportações. Assim salvaremos a vida a mais um punhado de portugueses que Salazar condenou a morte.

Devemos lutar encarnadamente contra as longas incomunicabilidades e torturas aos presos.

Francisco Paulo de Oliveira, o querido dirigente no nosso partido, encontrase incomunicável há quasi três meses. As torturas a que o têm sujeito puseram-lhe a vida em perigo. E' preciso salvar-lhe bem como a Alberto Araújo, Emílio Santana, Francisco Miguel e Helena Maria.

O DESEMPREGO

Toda a gente sabe a honestidade com que o fascismo faz estatísticas. Para o desemprego não conta os operários agrícolas, com a justificação que o seu desemprego é periódico. Contudo a maioria desses trabalhadores passa, muitas vezes mais de 6 meses por ano sem trabalho. E para os operários industriais, também não contam os que estão 3 e 4 dias de trabalho por semana. Mesmo assim, as suas estatísticas são bem lucrativas, e o povo nem sequer se dá conta de que

como eles são falsificados — pelo menos pelas proporções. Numa estatística recentemente publicada, nós podemos ver qual é a situação em que se encontram os empenhados trabalhadores de Portugal.

O numero dos desempregados, aos últimos 3 anos, é o seguinte: 3.355 — 34.711 — 42.315.

E a estes resultados que o Corporativismo tem levado o País! Trabalhadores: Lutemos contra o Estado Novo, assassino e exportador!

Um suicídio

Os diários do dia 6 noticiaram que o professor da Escola Industrial de Fátima Benevides, Sr. José António Ferreira Lobo, morreu de um desastre quando limpava uma pistola.

Esses servidores do fascismo, não quiseram noticiar a verdade.

O professor Ferreira Lobo não morreu dum desastre, mas suicidou-se. Era pai do estudante da Escola das Belas Artes, José Humberto Lobo, de que há mais dez meses se encontra preso na Fortaleza de Peniche sob a acusação de pertencer ao Bloco Académico Anti-Fascista.

O pobre Pai, foi levado àquele desespero, depois de ter sido enganado durante tantos meses pelo ministro da Justiça, que lhe promettera libertar o filho, por falta de provas.

Criminosa incúria

Um andaime abateu, arrastando a morte um jovem operário que nelle trabalhava e ferindo gravemente outro.

Isto succedeu há dias. Mas é andado.

A polícia investiga, prende, encarregado da obra, que umas vezes é condenado em reduzida pena, a outras absolvido, porque os senhores juizes pouco se importam com a vida dum operário, para poderem aquilatar da responsabilidade do encarregado, que gosa dos favores da lei, a qual omite a determinação exacta das suas responsabilidades.

Mas não é o castigo ao culpado o que mais nos interessa; importante, sim, que se evite a repetição de tais desgraças.

O Estado ou a Câmara Municipal tem o dever de proceder constantemente a uma fiscalização rigorosa dos materiais empregados nas obras da construção civil, garantindo a segurança dos trabalhadores, cuja vida é sempre sacrificada a uma economia estúpida e criminosa.

CONSTA...

Que estava preparado um movimento revolucionário em Portugal, para ser iniciado no Norte, dando o frente o monarquista Palva Conceição.

A trella deste caudilho, baseou-se no facto conhecido de estarem preparados os meros manifestos de fingida autoria comunista, incluindo o Fovo à revolta. Com esta estratagemia contava Salazar e a sua gente chamar às suas fileiras os timoratos do tão baldio perigo bolchevista.

Diz-se, ainda, que havia um accordo secreto entre Salazar e Mussolini para que logo que rebenhasse em Portugal uma revolução de importância, o País seria invadido por tropas e aviação Italianas que mais nos subjugariam ao fascismo e ao ultraje da intervenção estrangeira.

des, o Sebastião Ramires, o Manuel Rodrigues, etc. No Estado Novo abundam as competências, como se vê. Se sabem dizer duas, são acumulativamente ministros, dirigentes da União Nacional, da Legião e da Mocidade.

O País está com eles, mas não dá por isso, quando eles lho dizem...

Misérias da Assistência Pública

César de Melo, director do Asilo Nun'Alvares, é considerado na sua Direcção Geral, como funcionário modelo.

Como?
O Nun'Alvares da superavil!
Como? Vejamos:

Os ordenados do pessoal auxiliar dos internatos da Assistência Pública não lhes dá direito a alimentos. Se o funcionário se sujeita a comer do crancheio ou seja das batatas, arroz, feijão, etc., que compõem a enxada das crianças internadas, e descontado no vencimento de cada empregado cerca de 200 por dia, para alimentação.

Na certos internatos onde os empregados preferiram receber o vencimento por inteiro e organizar cozinhas, por sua conta, nos mesmos estabelecimentos, e comer, mediante pagamento estipulado, aquilo que querem.

César de Melo no Nun'Alvares, tranza os empregados seus subordinados, e comete contra eles indignos abusos de autoridade.

Descontam-lhes, por mês, a cada um, mais de 2000 no vencimento para alimentos e obriga-os a comer do crancheio quando esse crancheio deveria custar apenas 7500.

Com esses descontos apresentados, com o dinheiro dos modestos ordenados dos funcionários, o asilo superavil!

Mas não é tudo.

Ha dias, por embaraço contra determinada vigilante, mandou o que apparatussem a janela do quarto onde essa mulher dorme, e como esse quarto fica por cima das cozinhas e se enche às vezes de fumo e cheiro de cozinhas, a pobre mulher é obrigada a dormir nesse ar viciado!

Os empregados não podem, durante o dia, ir ao seu quarto. Quando saem de manhã entregam a chave ao chaveiro que so lhe devolve à hora do recolher!

Ha dias, regressou do Caramulo um empregado que ali estivera a tratar-se. César de Melo ordenou que o rapaz fizesse serviço num corredor em meio de correntes de ar!

Como se vê, por toda a parte e sob vários aspectos, os mais modestos trabalhadores são oprimidos!

Abaixo a ditadura que nos tranizaj!

A propósito do Nun'Alvares, devemos acrescentar que o asilo vai acabar.

Já liquidaram a colonia maritima que esta instituição possuía em S. João do Estoril e os garotos do Nun'Alvares, à medida que na Casa Pia se derem vagas ingressam neste estabelecimento.

A razão?

A economia!!

Salazar não se lhe dá economizar sobre o número sempre crescente de crianças infelizes, diminuindo-lhes o número de refugios e aumentando o número de óbitos pela tuberculose que espreita os mal tratados e os que têm fome!!

Salazar não se preocupa não tem filhos... recebe 10 contos por mês com que se dotou a si próprio!!

Rosa Maria

A DEMAGOGIA FASCISTA Sobre a Reforma do Ensino Primário

O fascismo e a cultura são dois inimigos para cuja luta não há meio nem artifício possível.

O fascismo é a forma mais refinada da opressão capitalista, da exploração sobre o trabalho (sobre a vida) da grande, da melhor massa dos homens: ao passo que a cultura, a verdadeira cultura, é a melhor alavanca da libertação de todos os homens.

Esta irreconciliabilidade nem sempre o fascismo pode escondê-la suficientemente (destruição dos museus e obras de arte em Espanha, perseguição dos melhores cientistas da Alemanha e Austria, expulsão dos melhores professores em Portugal, etc., etc.) e se a escondem mostram-nos então a sua triste concepção de cultura — uma mutilação do fundamental que conserva simplesmente, o que é favorável, necessário, ao próprio desenvolvimento capitalista. E assim que, o que pode haver de positivo no projecto de reforma do ensino primário, discutido agora na Assembleia Nacional, quasi se reduz à preocupação de ensinar a ler, escrever e contra o ensino primário (elementar) e de acrescer a utilidade de factor homem do campo da economia capitalista (ensino primário complementar).

Se mais não fosse, a ideia basilar do projecto, de que «as necessidades da educação não podem ser satisfecidas à custa de outras necessidades publicas» — (as da preparação guerreira da Legião Portuguesa, as do Ferro-saia e cria, por intermedio do Sacerdoteado, etc., etc.) — seria obtendo suficiente as restantes tentativas de resultados positivos. O parecer da Câmara Corporativa e o primeiro a affirmar-la, a denunciarmos «doce» termos que sabe usar um Júlio Dantas a demagogia que encerra uma importantissima parte do projecto 22.º: «As Cidades Municipaes, as quais a atribuição a maior parte dos encargos da rede escolar... não se encontram em geral financeiramente habilitadas a suportá-las, a não ser que o Estado lhes assegure novas receitas ordinarias e extraordinarias, o que prejudicam sensivelmente a solução proposta, pelo menos a execução a curto prazo que a base IV prevê». 26.º — «O principio da gratuidade relativa é condicionada, estabelecida na base X (gratuidade do ensino assegurada apenas a quem não possa pagá-lo), sendo inteiramente justo e conforme ao espirito senão à letra da Constituição, offerece na pratica dificuldades dignas de exame, porquanto não só não é facil extremar o campo dos pobres e dos menos pobres e estabelecer em termos legais o limite da pobreza para além do qual o pagamento da taxa ou propina é devido, mas ainda porque, cessando o regime de gratuidade absoluta, accentuar-se-á a preferencia já hoje dada ao ensino particular, convertendo-se pouco a pouco a escola do Estado em escola de pobres, o que não é indiferente, sobretudo no ponto de vista do valor da taxa como receita compensadora dos encargos determinados pela execução da reforma...»

No que se refere ao ensino infantil (preescolar) e ao ensino de anormais os resultados não serão, simplesmente, nulos: são já negativos. De facto, fôra oficialmente expresso que o Estado renuncia a tomá-los a seu cargo relegando-os às familias e às instituições particulares.

No fundo, o projecto é um modelo da demagogia fascista. Antecedido por uma longa historia e critica das reformas anteriores onde se nota a preocupação de deixar no silencio, condemnando se é possível, as tentativas e as realizações de 1911 a 1927 e o quasi esquecimento do periodo de 1927 a 1937 — os graficos indicativos não abrangem este periodo mas só o de 1873-1927, o projecto dá-nos, assim, uma apparencia de seriedade. Mas, mesmo daquelles problemas de mais simples solução, os que a poderiam ter nos quadros da organização económico-social presente chocam com contras necessidades do orçamento e com a estreita visão dos inimigos da cultura.

Assim continuaremos a ter 480.000 crianças sem ensino infantil, 67,8% de analfabetos, 530.000 crianças (entre 750.000 em idade escolar) que não vão à escola, etc., etc. Esperemos que não. Mas pensemos que é do nosso proprio esforço que isso dependerá.

Quando o fascismo nos diz: «Saber ler, escrever e contar é suficiente para a maior parte dos portugueses» (Carnelero Pacheco, Regulamento da Junta Nacional da Educação, Maio de 1935), ou então: «metade dos alunos das escolas de Lisboa é incapaz de aproveitar um ensino complementar» (citado por Júlio Dantas no «Diário das sessões da Assembleia Nacional») temos de responder: Não! A nossa experiência e a nossa cultura indicam-nos que «ler, escrever, e tão pouco conhecimento como u e a laca e um garfo é um bom jantar» (citado por T. Adolfo Coelho, 1909) e nós queremos, sim, saber ler e saber escrever, mas para mais facilmente conhecermos o mundo em que vivemos, para vivermos nele mais alegremente — dominando o mundo fisico, compreendendo-nos, ajudando-nos e tornando-nos melhores, no mundo social. A cultura não é aquilo que os senhores fascistas nos querem fazer erer que seja. A cultura fundamentada nesse conhecimento do mundo fisico e do mundo social, somos nós o que melhor podemos adquirir, nós os que trabalhamos os materiais do primeiro, os que constituímos a base do segundo — finca os laços paladroses do fascismo nos «Altos Estudos» ou na «Assembleia Nacional». A cultura opõe-se ao fascismo e é a grande alavanca para a nossa libertação. E diremos ainda, visto que a leitura e a escrita são tão preciosos instrumentos na aquisição dessa cultura: «... a libertação do povo português do fardo pesado do analfabetismo, que lhe tolhe os movimentos, é uma obra altamente progressiva. Pois bem, todos os que lutam pelos interesses do povo devem tomar iniciativas que possam contribuir para a extinção do analfabetismo

CONTINUA NA 4.ª PAGINA

Comunistas! Anti-fascistas!

Na 4.ª semana de Novembro, o «Avante!» publicava o seguinte:

«O Partido Comunista acrescentando a uma necessidade imperiosa da luta antifascista, não se poupa a esforços para levantar o efeito a maxima agitação e propaganda e para organizar a luta contra o fascismo.

O «Avante!», que é o único semanário anti-fascista que se publica em Portugal e o unico jornal que se publica sem interrupção desde Junho de 1931 — data, o «AVANTE!», órgão dirigido de todos os trabalhadores, e o mais brilhante dos esforços e dos sacrificios do Partido Comunista.

Mas o «AVANTE!» não pode viver apenas dos esforços e dos sacrificios do Partido Comunista.

O «Avante!» só pode viver se for mantido por todos os trabalhadores, por todos os anti-fascistas.

Nos ultimos tempos, longe de ter aumentado, o auxilio dos trabalhadores ao «Avante!» e ao PC tem diminuido.

No mês de Outubro, o CC recebeu, apenas 20% da importância global do número de exemplares do «Avante!» vendidos. Isto é, 20% dos jornais distribuidos não foram pagos, ou se o foram, a sua importância não chegou até nós!

Desta maneira, por mais sacrificios que os membros do Partido Comunista façam, por mais provocações que passem os que fazem o jornal e os que o distribuem, é impossível manter a publicação semanal do «Avante!» e assegurar o seu aparelho de distribuição com os cuidados que a situação requiere.

Mas, não só o «Avante!» não poderá manter-se, como o Partido Comunista não poderá cumprir as tarefas que a luta contra o fascismo e contra a intervenção em Espanha exigem.

QUE FAZER?

Deixar de publicar o «Avante!» semanal?

Diminuir a actividade do Partido Comunista?

Deixar de ir, pelo país fora, organizar a luta?

Uma tal solução seria uma solução criminosa, indigna do povo anti-fascista de Portugal.

Reforçar o auxilio ao PC. Pagar integralmente todo o material editado pelo PC. Por em pratica as mais variadas iniciativas para auxiliar o PC — eis a unica solução que se impõe!

Trabalhadores, explorados, victimas da opressão fascista: a causa da defesa dos vossos interesses, a causa da vossa libertação, a causa que garante o futuro dos vossos filhos, a causa de auxilio ao glorioso povo espanhol que se bate pela liberdade de todos os povos e pela Paz, exigem que não vos ponheis a esforços, para ajudar o Partido Comunista.

Ajudai o «Avante!»

Ajudai o Partido Comunista.

Criai grupos de amigos do PC.

Infelizmente a situação não se modificou.

Que fazer? perguntamos como há quatro meses.

Esperamos uma resposta concreta e precisa de todos os anti-fascistas, de todos os revolucionários, que não pode ser outra senão a do pagamento integral do «AVANTE!».

Portugueses fusilados na Espanha fascista

Verifica-se cada vez mais nitidamente o processo da transformação do nosso país numa simples província da Espanha fascista. Os traidores que se apoderaram do poder político em Portugal fazem tudo o possível para darem realidade a este novo Anschluss que os mapas do estado maior fascista da península prematuramente reproduzem.

Nos começos da revolta franquista, foram entregues à mistura com os refugiados espanhóis bastantes portugueses, para que fossem fusilados em conjunto.

Hoje em dia os fascistas espanhóis fusilam os portugueses que entendem, com plena aprovação do governo vassalo salazarista, visto que nem um simples protesto foi enviado para inglês ver, ao chamado governo de Burgos, acerca do fusilamento na zona fronteiriça, nos princípios do mês passado, dos pacíficos trabalhadores José Azedo, seus filhos Henrique e José, naturais de Almodovar e do contrabandista Carrusca, da mina de S. Domingos.

O governo vassalo de Salazar, como não podia aplicar legalmente no seu território a pena de morte, recorre a um governo estrangeiro para fusilar os seus nacionais e manter em prisão patriotas como o sr. Paiva Couceiro.

Certamente que quando o povo português se levantar em péso para derrubar os renegados que Salazar capitaneia, este Seiss Inquart de trazer por casa, não hesitará em seguir as pisadas do seu miserável emulo austríaco, chamando a tropas italo-germano-marroquinas que devastam e massacraram o país vizinho, para esmagarem definitivamente este povo tão cioso da sua liberdade e da sua independência nacional.

PORTUGUESES, PATRIOTAS E DEMOCRATAS, SEM DISTINÇÃO DE TENDÊNCIAS! ESTES FACTOS CONCRETOS OBRIGAM-NOS A PRESSAR A NOSSA UNIFICAÇÃO POLÍTICA, PARA SALVAGUARDARMOS, ENQUANTO TEMPO, A INDEPENDÊNCIA DA NOSSA QUERIDA PÁTRIA!

Continuado da 3.ª página

e apoiar as iniciativas que visem esse objectivo. Não deixar nem um minuto de desmascarar os objectivos do fascismo, nem deixar de exigir as medidas que o Estado deve pôr em prática, mas contribuir com todas as suas forças para libertar o povo da ignorância em que vive, tais devem ser as tarefas de todos os verdadeiros amigos do povo português!» («Avante!» n.º 60)

A educação da "Moçidade"

Começa a dar frutos a educação guerrilheira dos jovens da Moçidade Portuguesa. O exemplo dos seus irmãos mais velhos, os legionários, começa a ser seguido.

Na semana passada, um desses jovens, aluno do Liceu Camões, teve uma zangata com um colega. Como não levasse a melhor, à hora do almoço, na cantina do Liceu, roubou uma faca. Encontrando depois o outro, dirigiu-se-lhe e vibrou-lhe uma série de facadas.

Pis e encarregados de educação: vigiai os vossos filhos, esfor-

SEMANA INTERNACIONAL

Mussolini, que tem seguido uma política de traição à Itália com a criação e reforçamento do eixo Berlim-Roma, viu já o perigo que ele encerra e quiz distrair a opinião pública italiana, que cada vez se divorcia mais do fascismo, fazendo o discurso demagógico do dia 30, em que ameaça o mundo de sossobrar debaixo da muralha dos seus aviões. A ameaça é directamente dirigida à França e às nações pacifistas, mas o discurso tem a sua origem na anexação da Áustria pela Alemanha.

A Alemanha tem sido, através de séculos, um dos inimigos mais claros da Itália. Ambicionando ter uma saída para o Mediterrâneo, os através da Itália o conseguiria. A nação austríaca, era, de certa maneira, a defesa natural da Itália, que mantinha afastada a Alemanha. As fronteiras comuns, criadas agora, põem a Itália em perigo.

Foi isto que sempre viram os patriotas italianos, e o próprio Mussolini o afirmou várias vezes, como mostrámos no último número do nosso jornal.

As farronças mussolinicas, do dia 30, em vez de socegarem os patriotas italianos, mais os assustaram.

Na Inglaterra, cresce a luta do povo inglês contra a política de Chamberlain que, apesar de todas as manifestações, comícios, artigos da imprensa convidando-o a retirar-se, continua à frente dos destinos ingleses, fazendo uma política de guerra, com a aproximação com a Itália.

Para lhe demonstrar quanto a sua política era contrária à vontade do povo, a «Liga pro Sociedade das Nações» resolveu fazer uma espécie de plebiscito em dois círculos eleitorais, que nas eleições passadas votaram por grande maioria no partido conservador, partido que aguenta Chamberlain no poder.

O resultado desse plebiscito, em que se perguntava aos eleitores se concordavam com a política do seu governo, foi por uma maioria esmagadora—quasi unanimidade—um **NÃO**.

Se esse *democrata* o fosse de facto, há muito tempo que teria abandonado as cadeiras do poder.

Na França, as direitas coligadas fazem uma barreira de obstrução à política de paz, de defesa da França, do seu governo de Frente Popular, as *ducentas famílias*, servindo os interesses de Hitler, fecham os olhos ao perigo da guerra que se avizinha, apesar dos avisos feitos pelos seus cabos de guerra, os generais que veem no avanço do fascismo o perigo para a independência nacional da França.

Na China, o exército nacional continua na sua brilhante ofensiva, reconquistando vastos territórios às tropas invasoras.

Ao mesmo tempo, a China reorganiza-se, desenvolve a instrução, abrindo inúmeras escolas, dá liberdades políticas ao povo, reconhece a existência, dando vida legal aos vários partidos, e o Kumi-tang—o partido do governo—resolve voltar à política justa e à boa linha nacional que lhe tinha dado o libertador da China, o seu primeiro pre-sidente, Sun-Yat-Sen.

Chantage ignóbil e derrotista

Acossado por dificuldades de política interna cada vez mais prementes, Salazar ideou a projectada comemoração da independência de Portugal a que noutro lugar nos referimos e ordenou aos escribas mercenários da imprensa diária, que ampliassem uma diversão de carácter externo de tal modo que esta absorvesse a atenção do povo português para fora do âmbito das nossas fronteiras.

O tema escolhido foi o avanço das forças italianas, marroquinas, portuguesas e alemãs na frente de Aragão e todos os dias, em letras enormes, são relatadas espantosas vitórias da coligação fascista internacional que, com a ajuda de alguns traidores espanhóis, intenta dividir entre si as riquezas naturais e apoderarem-se das posições estratégicas da Espanha mártir.

Segundo as direções dos mencionados escribas, os republicanos fogem desordenadamente e entregam-se em grande número, para que as tropas libertadoras os libertem das preocupações desta vida, por meio dos habituais fusilamentos de massas...

Orá já há mais de duas semanas que eles nos relatam encontrarem-se os exércitos da nova Santa Aliança, a 40 quilómetros do mar e hoje—ouja, depois de constantes vitórias—verifica-se que os republicanos ainda se não submergiram no Mediterrâneo, aguentam-se galhardamente e no sector de Guadalajara e outros têm até avançado!

Ao contrário do que os escribas a soldo do fascismo propalam, o povo espanhol em armas tem oposto uma resistência sobrehumana às tropas mercenárias e ao potente armamento da coligação fascista internacional e tem dizimado rudemente as suas fileiras.

Apesar da chegada constante de soldados e material de guerra estrangeiro à parte da Espanha ocupada, o valeroso povo irmão mantém-se—infelizmente quasi só com as próprias forças—e acabará por dizimar as hordas sanguinárias da reacção internacional.

Perdem o seu tempo aqueles que ao serviço do estrangeiro se esforçam em demonstrar à força dum verborreio falsa e fantástica que, quando o povo fascista lança os seus tentáculos sobre um povo independente, a este só lhe resta submeter-se ao exemplo da Áustria, pois de contrário será exterminado como o povo da Etiópia.

O povo espanhol tem demonstrado e o povo português no momento oportuno demonstrará a falsidade deste dogma derrotista que o eixo Roma-Berlim e os seus subalternos satélites pretendem impor ao mundo civilizado.

Manifesto do Comité Trabalhista de auxílio à Espanha

«O Comité Trabalhista de auxílio à Espanha convida o movimento Trabalhista de todo o país a redobrar os seus esforços de auxílio ao Governo Espanhol, em circunstâncias críticas presentemente.

Não se deve evitar nenhum esforço a fim de dar o máximo de urgência ao acabar da tragédia da chamada não-intervenção e fazer com que o Governo Espanhol obtenha as armas de que tanto necessita.

Ainda neste momento tardio uma mudança de política do governo nacional em virtude da qual os rebeldes são livremente fornecidos pelas potências fascistas com armas de toda a espécie, enquanto o governo legítimo é privado praticamente de assistência exterior—mudaria imediatamente a sorte da guerra.

O Governo Nacional continua conivente na interferência de Hitler e Mussolini, recusando-se a abandonar a farsa da não-intervenção e não permitir ao governo espanhol arranjar as armas precisas para a protecção do seu povo.

Enquanto Mussolini ostenta a sua conquista da Espanha perante o mundo no seu discurso de Roma, o Governo Nacional continua a negociar com ele e não protesta contra o seu envio de homens e munições para Espanha.

O Governo Nacional, pela sua conivência na destruição da Espanha democrática por Hitler e Mussolini, tem-se degradado suficientemente para poder representar o povo britânico ou falar em seu nome.

Que o movimento trabalhista mostre claramente, em toda a extensão do país, por meio de demonstrações e todos os outros meios de pressão política, que o povo não tolerará mais tempo que o Governo Nacional se conserve no poder, completando por esse meio a destruição do governo livre de Espanha.

Se a democracia fosse esmagada pelo fascismo em Espanha, as liberdades dos povos francês e britânico ficariam gravemente ameaçadas e a causa da Liberdade receberia um golpe irreparável.

O governo espanhol precisa de ter armas para a sua defesa. O povo britânico precisa de forçar o abandono da política de não-intervenção para proteger a Espanha e a França e proteger a Inglaterra.

Por isso fazemos um apelo ao povo britânico para que se reúna à direcção do movimento trabalhista a fim de forçar o Governo Nacional a admitir-se.

Isso pode e deve fazer-se para que a Espanha e a Europa possam salvar-se do fascismo e da destruição.

Entra-vos em casa por neutralizar a educação que o Estado Novo lhes ministra.

Lutai contra o fascismo, para salvar os nossos filhos!